

Time Out

Lisboa

13 A 19 DE FEVERO DE 2013 Nº281 2€ (CONTINENTE)

DOIS POR UM

Esta revista vale
**NOITE EM HOTEL DE CINCO
ESTRELAS EM CASCAIS**
CORPETE DA PURPLE ROSE
LANCHE NO FÁBULAS
REFEIÇÃO NO VARINA DA MADRAGOA
BILHETE PARA O TEATRO



PRIMEIRO ENCONTRO



**ONDE IR, O QUE COMER
E O QUE DIZER PARA
TER UMA NOITE
INESQUECIVEL
EM LISBOA***

ARTE
**NOVA EXPOSIÇÃO
DE GRAÇA MORAIS**

NOITE
OT CHIP
O LUX

MÚSICA
SIGUR RÓS NO
CAMPO PEQUENO

* E JÁ AGORA, TUDO AQUILO QUE NÃO PODE MESMO FAZER

A começar pela esquerda: Pedrão, Alexandre Montenegro, Marcelo Lourenço e Pedro Bexiga.



A revolta das garrafas de vinho

A Garrafeira Alfaia é tratada como botellón e revoltou-se. **Catarina Homem Marques** teve mesmo de sair antes da meia-noite com **Joana Freitas**, que fotografou.

Assim sentados em torno de um barril de madeira, a beber vinho no copo e a pedir petiscos de queijo ou presunto até pode não parecer, mas estes homens estão em protesto. “É uma manifestação alcoólica”, brinca Marcelo Lourenço, director criativo da agência de publicidade Fuel. Uma manifestação que une publicitários de diferentes agências portuguesas na defesa da Garrafeira Alfaia, no Bairro Alto, que é obrigada a fechar à meia-noite desde o final de 2011 mas que continua a ter pendurada na parede a licença até às duas da manhã que foi paga e aprovada pela Câmara na altura em que abriu, em 2003.

“Isto aconteceu por causa do despacho camarário que visava acabar com aquela política do *botellón* e das litrosas vendidas em vãos de escada que depois ficavam aí espalhadas pelo chão do Bairro Alto”, explica Pedro

Marques, o dono. Na altura, quando a Câmara estabeleceu o despacho que impunha esta regra de fecho antecipado a esta espécie de lojas de conveniência, a Garrafeira Alfaia até apoiou a medida. Mas depois, como também tem licença para vender garrafas para fora, viram-se incluídos no mesmo saco. “A lei não distingue entre ter arcas cheias de litrosas ou vender garrafas de Barca Velha de 2006.”

Pedrão, nome que lhe dão os clientes habituais, não gosta de pôr as pessoas na rua tão cedo e não consegue calcular o prejuízo que já teve. “Vender garrafas nem é o nosso negócio principal. Vendemos uma ou outra a turistas, a alguns clientes, mas não são garrafas que se andem aí a beber pela rua. E só vendemos vinho.” Já falou com a Câmara, que lhe diz que não pode fazer nada. Nem se importa de parar de vender garrafas de vinho para

levar. Até tem o apoio dos vizinhos. E os clientes, que não gostam de ter de sair tão cedo, compreendem e até continuam a vir. “Mas estão a provocar crise num local onde não havia crise.”

Foi por isso que criou uma petição para pedir o regime de excepção que considera justo na Garrafeira Alfaia, em www.peticao publica.com. Um regime que podia beneficiar também outras garrafeiras e estabelecimentos do Bairro Alto também apanhados na vaga do despacho anti-*botellón*. E foi também por isso que os publicitários que frequentam tanto a casa se juntaram à luta, de croquete na mão. “Os jovens que trabalham em publicidade é que ainda não perceberam que o Pedrão é a melhor pessoa a quem podem deixar o portefólio”, conta Marcelo Lourenço.

A tradição de ir à Garrafeira Alfaia começou com Erick Rosa,

o director criativo que escreveu o texto que tornou Pedrão famoso entre as pessoas do meio. E famoso também no Brasil, com críticos de lá a entrarem e a dizerem a Pedrão que já eram fãs dele antes de o conhecerem. “Gostamos de vir aqui falar do mercado, trocar ideias, dizer coisas das campanhas dos outros. Há agências que podiam fazer escritório nestas mesas e há muitas ideias que nasceram aqui. Mas nós muitas vezes saímos tarde do trabalho e esta regra da meia-noite é horrível.”

O objectivo é fechar às 2.00, como antes. Ou corremos todos o risco de ter uma campanha da Popota, e outras, ao som de músicas tristes e feitas por pessoas que tiveram de ir para casa no horário da Cinderela.

Garrafeira Alfaia

Rua do Diário de Notícias, 125, Bairro Alto.

Ricardo Adolfo prova na página 34 que a literatura não tem de ser erudita. Em certas alturas, é mesmo preciso recorrer à luta armada.



Os Sigur Rós explicam na página 52 como podem ajudar a responder à crise. Convém não esquecer que eles são islandeses.